



Por que se deve matar um tirano? Uma análise d' *O tiranicida* de Luciano de Samósata

Nayara RodriguesVinhall¹ (IC)*

Edson Arantes Junior² (PQ)

¹ Bolsista UEG modalidade PBIC/UEG, graduanda no 8º período, no curso de Licenciatura Plena em História, na UEG - Campus Uruaçu. nayararodriguesvinhal@hotmail.com

² Orientador, Doutor em História. Professor de História Antiga e atual diretor da UEG - Campus Uruaçu.

Universidade Estadual de Goiás Campus de Uruaçu

Resumo: O presente trabalho, busca na obra *O tiranicida* de Luciano de Samósata, identificar os elementos retóricos usados por Luciano de Samósata para a confecção do texto, assim como a atitude do tiranicida diante da morte do tirano. A partir destes elementos, relacionaremos os aspectos da cultura política romana aos presentes no texto luciânico com base na imagem do tirano. A obra que analisamos apresenta um discurso partidário da retórica escolar de gênero judicial, onde o sucesso do discurso partidário se encontra na persuasão do árbitro da situação, o juiz. Para isso o “tiranicida” tentou provar aos jurados por meio da argumentação, que ele era um tiranicida, se mostrou como herói, utilizou-se de leis, enfatizou seu ato por meio da repetição. Se olharmos a imagem do tirano veremos que se assemelha com a figura do governo do Império Romano, que dominou politicamente e militarmente outros povos com outras culturas, como por exemplo, os gregos. Quem se levantasse contra o império, era repreendido, censurado e até mesmo morto.

Palavras-chave: Luciano, Império Romano, Retórica, Tiranicida.

Introdução

O presente trabalho, busca na obra *O tiranicida* de Luciano de Samósata, identificar os elementos retóricos usados por Luciano de Samósata para a confecção do texto, assim como a atitude do tiranicida diante da morte do tirano. A partir destes elementos, relacionaremos os aspectos da cultura política romana aos presentes no texto luciânico com base na imagem do tirano.

Em relação ao nosso autor, Luciano de Samósata, sabemos muito pouco e o pouco que se sabe sobre ele é através de suas obras, de “[...] Luciano só podemos

REALIZAÇÃO



saber duas coisas: que tinha o nome latino, Luciano, e que era sírio, de Samósata.” (BRANDÃO, 2014, p. 64); e que “[...] escreveu no século II, durante o período em que os Antoninos governaram Roma. Seus textos foram predominantemente em grego ático como era de o gosto da elite helenófila.” (ARANTES, 2014, p. 22).

A análise desta obra nos permite ver como que o autor em sua obra se expressa e expressa o seu mundo ao seu redor, afirmando o que José D’ Assunção Barros, diz, quando menciona como um dos objetos da História Cultural,

[...] o âmbito das artes, da literatura e da ciência – campo já de si multi-diversificado, no qual podem ser observados desde as imagens que o homem produz de si mesmo, da sociedade em que vive e do mundo que o cerca, até condições sociais de produção e circulação dos objetos de arte e literatura. (BARROS, 2003, p. 147-148.).

A sociedade que aqui, estamos expondo se trata de uma sociedade complexa, fruto de um processo histórico lento, que “[...] representou uma experiência histórica concreta de unificação de diferentes povos e culturas sob a égide de um poder centralizado, mas que mantiveram durante séculos suas identidades próprias e separadas.” (GUARINELLO, 2009, p. 148). Podemos afirmar também com Guarinello, que “O Império foi o resultado de um lento processo de conquista militar e centralização política, primeiro da cidade de Roma sobre a Itália, depois da própria península sobre as demais regiões que margeiam o Mediterrâneo.” (2009, p.149.).

É difícil de se falar de uma identidade para o Império Romano, uma vez que o mesmo apresenta uma diversidade cultural vasta, porém Guarinello (2009) em, *Império Romano e Identidade Grega*, aponta a algumas tendências, que podem variar conforme o imperador, como o fato de ter se estabelecido o culto religioso nas províncias ao imperador; o fato do Império Romano ter sido tolerante com as culturas locais e a diversidade étnica; sincretismo religioso; e a divisão de duas áreas linguístico-cultural, dividindo o império em: Império Romano Ocidental (com maior influência da língua e cultura latina) e o Império Oriental (com maior influência da língua e cultura grega). A adoção linguística-cultural, se fez como forma de prestígio social e utilizado na área político-administrativo. (GUARINELLO, 2009).



Material e Métodos

O nosso objeto de pesquisa é a obra *O tiranicida*, de Luciano de Samósata, onde buscamos compreender a morte do tirano como recurso retórico. Para isso precisamos fazer a identificação dos elementos retóricos usados por Luciano em sua confecção textual; identificar as atitudes dos tiranicidas diante da morte do tirano e relacioná-lo ao aspecto da cultura política romana e os elementos presentes no texto. Para este fim, contaremos com os textos de Arantes, Barros, Brandão, Ginzburg, Guarinello, Lausberg e a própria obra de Luciano, *O tiranicida*.

Resultados e Discussão

Luciano de Samósata, viveu no oriente do Império Romano em contato com a cultura grega, o que o influenciou a produzir seus textos em grego ático.

O nosso objeto de análise, *O tiranicida*, do qual se acredita de se tratar de um dos primeiros exercícios de retórica de Luciano de Samósata. O sábio se utiliza da morte do tirano como recurso retórico neste opúsculo. Esta obra se trata de um homem que se diz tiranicida, após ter matado o filho do tirano com sua espada e deixado a mesma cravada no corpo do jovem, permitindo que o pai da vítima utilizasse da mesma espada para tirar a sua própria vida, depois de ver o filho morto. Assim sendo o suposto “tiranicida”, reclama para si a recompensa por ter cometido um tiranicídio.

De acordo com Heinrich Lausberg em, *Elementos de retórica literária*, se entende a retórica em seu sentido lato como sendo “[...] a <<arte do discurso em geral>> que é exercida por qualquer indivíduo activamente participante na vida de uma sociedade.” (LAUSBERG, 1972, p. 75).

Enquanto que “[...] como <<retórica em sentido restrito>> (<<retórica escolar>>), deve compreender-se a <<arte do discurso partidário (exercida especialmente diante dos tribunais), a qual, desde o séc.V a.C. constitui objecto de ensino>>. (LAUSBERG, 1972, p. 75). Deste modo, *O tiranicida* se trata de um exercício de retórica, onde o discurso é um discurso partidário.

REALIZAÇÃO



De acordo com Carlo Ginzburg, em *Relações de força: história, retórica, prova*, conforme o discurso retórico, “Aristóteles distingue três tipos de retórica: a deliberativa, a epidítica (ou seja: dirigida à censura ou ao aplauso) e a judiciária.” (GINZBURG, 2002, p. 49).

O discurso deliberativo visa decidir o que será feito em relação ao futuro, a uma ação que ainda será tomada, ou não. Esse tipo de discurso apresenta “[...] funções de aconselhar e de desaconselhar, tem como caso paradigmático, o discurso do representante de um partido político diante da assembleia popular.” (LAUSBERG, 1972, p. 83). Já o discurso epidítico é pronunciado por um a uma plateia, onde é a mesma que decide sobre o talento do orador, numa dimensão temporal do presente para louvar ou censurar algo.

Enquanto isso o discurso judiciário apresenta

[...] as funções de acusação e defesa, tem como caso paradigmático, o discurso de um advogado diante de um tribunal, especialmente no processo penal. A situação é caracterizada pela apreciação jurídica, que deve ser executada de acordo com o direito e a qual é ditada, no acto processual, pelo juiz, árbitro da situação. Essa apreciação é dada a respeito de um conjunto de factos pertencente ao passado, mas é relevante para o presente acto processual. (LAUSBERG, 1972, p. 81).

Analisando o discurso de *O tiranicida*, percebemos que se trata do gênero judicial.

Na obra, o personagem que acusa a si próprio de ser tiranicida, reclama para si a recompensa pela morte do tirano do tirano. O primeiro argumento utilizado por esse suposto “tiranicida” ao se referir aos jurados (árbitro da situação), para persuadi-los é colocando seu ato como inédito, como sendo “[...] o único dos tiranicidas de todos os tempos que, de um só golpe, vós libertei de dois patifes, ao matar o filho com a espada e o pai através do grande amor ao filho” (LUCIANO, 1).

O “tiranicida” esboça a sua façanha, por matar sozinho com sua espada o filho do tirano e seus guardas, e ainda por permitir que o tirano, usasse da mesma espada deixada pelo tiranicida cravada em seu filho, para se matar (suicidar-se). E por isso mesmo o “tiranicida” não só, reclama um prêmio por esse tiranicídio, mas “[...] em número igual ao dos que foram mortos, por vos ter livrado não só dos males presentes, mas também da expectativa de males futuros e por vos ter oferecido uma



liberdade sólida, pelo facto de não restar nenhum herdeiro desses crimes.” (LUCIANO, 3).

Durante o seu discurso, o “tiranicida” louva a si próprio, se mostra como herói que livrou a cidade de um grande mal, ou ainda melhor, de dois males, pois o filho do tirano como seu herdeiro ocuparia o seu poder após sua morte, o que levaria a cidade permanecer a sofrer a tirania. “Mas o que mais doía era o fato de sabermos que a nossa escravidão seria longa, ou melhor eterna, que a nossa cidade passaria por sucessão de um déspota para o outro e que o povo iria torna-se herança dos meliantes”. (LUCIANO,6).

Por se tratar de um texto de discurso partidário da retórica escolar de gênero judiciário temos a presença de dois partidos, isso se torna perceptível quando o suposto “tiranicida” argumenta em relação a um partido contrário ao seu, em trechos como este:

“Aqui este [meu adversário] tenta refutar-me afirmando que eu procedo sem razão, ao pretender ser enaltecido e receber uma recompensa, [alegando] que eu não sou tiranicida nem cometi nenhum acto de acordo com [o que] a lei [estipula], mas falta alguma coisa ao meu acto para [que possa] reclamar a recompensa.” (LUCIANO, 10).

O “tiranicida”, alega que, a lei considera como autor de um homicídio, tanto o autor moral como o autor material, e em ambos é aplicado a mesma penalização, portanto ele afirma, que de qualquer forma ele merece ser reconhecido como um tiranicida e receber a sua recompensa por isso. O homem insiste sem cessar que é um tiranicida e quem sem ele a cidade estaria ainda refém de um governo tirânico. O seu ato de bravura, de acordo com ele, livrou a cidade da tirania e agora lhe foi devolvida, por ele, a democracia de outrora. O homem coloca a imagem do filho como sendo a pior do que a do pai, que lhe fazia tudo o que queria.

Era o filho quem dominava os guarda-costas, quem reforçava as guarnições, quem aterrorizava as vítimas da tirania, quem exterminava os conspiradores, que arrancava [de suas casas] os nossos jovens e ultrajava as nossas virgens; enfim tantos morticínios, tantos exílios, tantas confiscações de bens, torturas e ultrajes – tudo isso era obra do jovem. (LUCIANO, 5).

Enfim, a argumentação do “tiranicida”, tem como objetivo de persuadir o juiz, árbitro da situação, para reconhecê-lo como tiranicida e receber a recompensa por isso. Houve-se um período em que existia a tirania como uma instituição de governo na Grécia, neste tempo havia-se recompensas aos que matavam os tiranos



(tiranícidias), assim como que também se faziam homenagem a esses tiranícidias e eram vistos como heróis. Porém aqui, no momento em que Luciano escreve o texto, se trata do período de domínio romano, onde se teve uma política centralizadora e que embora tivesse integrado várias culturas não aceitava críticas.

Considerações Finais

A obra que analisamos apresenta um discurso partidário da retórica escolar de gênero judicial, onde o sucesso do discurso partidário se encontra na persuasão do árbitro da situação, o juiz. Para isso o “tiranícidia” tentou provar aos jurados por meio da argumentação, que ele era um tiranícidia, se mostrou como herói, utilizou-se de leis, enfatizou seu ato por meio da repetição. A morte do tirano era a morte de todo um governo tirânico. Se olharmos a imagem do tirano veremos que se assemelha com a figura do governo do Império Romano, que dominou politicamente e militarmente outros povos com outras culturas, como por exemplo, os gregos. Quem se levantasse contra o império, era repreendido, censurado e até mesmo morto. Enfim a obra de Luciano, permite refletir a cultura política romana, a qual Luciano está inserido, e se expressa na sua obra a imagem de um tirano muito parecido com a figura do governo do Império Romano.

Agradecimentos

Eu agradeço em primeiro lugar a Deus e a Nossa Senhora que me deu força para a realização deste artigo. Também agradeço o apoio da minha família. Quero agradecer também a toda UEG, incluído o projeto de Iniciação Científica, com o Programa de Bolsa de Iniciação Científica PBIC/ UEG, junto ao Projeto de Pesquisa “Poder, literatura e memória: A representação da tirania em Luciano de Samósata, sob a orientação do professor Dr. Edson Arantes Junior, o qual também o agradeço por fazer parte de um projeto tão importante, onde sua orientação foi de fundamental importância para a produção deste artigo.

Referências



ARANTES Junior, Edson. **Os usos políticos da narrativa mítica em Luciano de Samósata: aspectos do regime de memória romano (séc. II d.C).** Goiânia: UFG, 2014. (Tese de Doutorado).

BARROS, José D´ Assunção. **História Cultural: um panorama teórico e historiográfico.** In. Textos de História. 2003 vol.11, nº1/2, p. 145-171.

BRANDÃO, Jacyntho Lins. **Quem somos nós: Qual o Império de Luciano de Samósata?** In. FAVERSANI, Fabio & JOLY, Fabio Duarte (org.). As formas do Império Romano. Mariana-MG: Ed. UFOP, 2014. p. 63-74.

GINZBURG, Carlo. **Relações de força: história, retórica, prova.** Tradução de Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GUARINELLO, Norberto LUIZ. **Império Romano e identidade grega.** In. FUNARI, Pedro Paulo A. & SILVA, Maria Aparecida de Oliveira (orgs.) Política e identidades no mundo antigo. São Paulo: Annablume, 2009. p. 147-161.

LAUSBERG, Heinrich. **Elementos de retórica literária.** Tradução, prefácio e adiantamentos de R. M. Rosado Fernandes. Fundação Calouste Gulbenkian. 2ª Ed., Lisboa, 1972.

LUCIANO. Luciano [III]. **O tiranicida.** Tradução do grego, introdução e notas de Custódio Magueijo. Imprensa da Universidade de Coimbra. Coimbra University Press, 1ª Ed. IUC. 2012